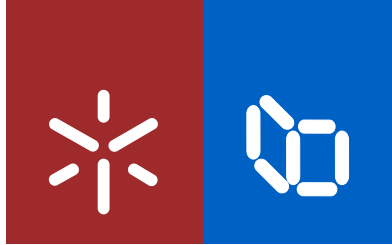




**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ana Inês Costa Cardoso

**O Ensino de Chinês a Crianças:  
Dificuldades e Estratégias de Ensino**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Ana Inês Costa Cardoso

## **O Ensino de Chinês a Crianças: Dificuldades e Estratégias de Ensino**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:  
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Sun Lam**

Ana Inês Costa Cardoso

Endereço electrónico: anapirracardoso@gmail.com

Número do Cartão de Cidadão: 13789817

Título do relatório de estágio: O Ensino de Chinês a Crianças: Dificuldades e Estratégias de Ensino

Orientadores: Professora Doutora Sun Lam

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

É autorizada a reprodução integral deste relatório apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

A elaboração deste relatório, assim como as circunstâncias que me levaram a escrevê-lo, não teriam sido possíveis sem a ajuda e a colaboração de professores e amigos. Como tal, um agradecimento especial à Doutora Sun Lam, directora do Instituto Confúcio, por me ter acompanhado durante todos estes anos que passei a estudar e a aprofundar os meus conhecimentos da língua e cultura chinesas e por me ter proporcionado a oportunidade de ensinar chinês em escolas portuguesas.

Agradeço também ao Mestre Luís Cabral pela ajuda prestada na elaboração deste relatório e à Professora Emília Dias por me ter acompanhado e orientado durante o meu estágio.

Agradeço ao Instituto Confúcio por me ter atribuído a bolsa que me permitiu estudar na China no primeiro semestre do Mestrado, permitindo-me penetrar na cultura chinesa, contribuindo para uma melhor compreensão dos seus costumes e da sua gente e proporcionando-me experiências únicas.

Às escolas que me acolheram para o meu estágio, a Escola Secundária Carlos Amarante e a Escola EB 2,3 Dr. Francisco Sanches, um agradecimento especial por me terem aceite como sua docente.

Por último, um especial agradecimento à minha família, ao meu namorado e aos meus amigos e colegas de curso, pela paciência e pelo apoio que me prestaram durante todo este processo.

## Resumo

O presente relatório pretende explorar as actividades concretizadas durante o estágio que realizei na Escola Secundária Carlos Amarante e na escola EB 2, 3 Dr. Francisco Sanches, ambas situadas em Braga, assim como na escola primária A Torre dos Pequeninos, em Santo Tirso, no âmbito do mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês – Tradução, Formação e Comunicação Empresarial e do Projecto *Chinês nas Escolas*. O estágio consistiu em leccionar chinês aos alunos destas três escolas num regime de curso livre, alunos esses entre o 2º ano do ensino básico e o 12º ano de escolaridade. O estágio teve a duração de um ano lectivo, sendo que a primeira aula se realizou no mês de Outubro de 2012, e a última em Junho de 2013.

Por fim, este relatório pretende também abordar o tema do ensino da língua chinesa a crianças do nível de escolaridade básico, passando pela facilidade ou dificuldade da aprendizagem desta língua comparativamente a alunos mais velhos e as vantagens e desvantagens do uso de certos métodos de ensino.

## **Abstract**

The following report aims to explore the activities developed during the internship at the Carlos Amarante High School and Dr. Francisco Sanches Middle School, both situated in the city of Braga, as well as A Torre dos Pequeninos in Santo Tirso, as part of the Master's Degree in Intercultural Studies Portuguese/Chinese and also as part of the Project *Chinês nas Escolas*. The internship consisted on teaching Chinese to the students of these schools in a free course schedule, to students between the 2<sup>nd</sup> year and the 12<sup>th</sup> grade. The internship lasted for an entire school year, the first class taking place in October 2012, and the last one in June 2013.

Finally, this report also aims to examine the topic of teaching Chinese language to primary school children, analyzing the ease or difficulty in learning a new language in comparison with older students as well as the advantages or disadvantages in employing certain teaching methods.

## 摘要

这篇实习报告是本人在米尼奥大学孔子学院下设在布拉加两所教育机构 Escola Secundária Carlos Amarante, Escola EB 2, 3 Dr. Francisco Sanches 和 Santo Tirso 的 A Torre dos Pequenos 内进行的汉语教学实习, 是中葡跨文化研究硕士课程的实习内容。实习以在上述两所学校教授的汉语兴趣课程为基础, 教学对象是五年级到十二年级的学生。实习为期一学年, 从 2012 年 10 月开始, 于 2013 年 6 月结束。

最后, 该实习报告还探讨了基础教育阶段的汉语教学, 探讨了与年龄更大的学习者相比该年龄段学习者所特有的困难和优势, 以及某些教学方法的优势和劣势。

# Índice

Introdução.....	1
Enquadramento e Objectivos.....	2
1. Capítulo I – Fundamentos Teóricos do Ensino de Línguas.....	3
1.1. Breves considerações sobre o trabalho do professor.....	3
1.2. Língua Materna e Língua Segunda .....	4
1.3. Métodos de Ensino da Língua Estrangeira.....	5
1.3.1. O Método da Gramática e da Tradução.....	6
1.3.2. Os Métodos Naturais .....	6
1.3.3. O Método Directo.....	6
1.3.4. O Método Áudio-Oral e o Método Audiovisual.....	7
1.3.5. O Método Comunicativo .....	7
1.3.6. O Método Natural.....	8
1.3.7. O Método por Tarefas.....	8
1.3.8. O Método Eclético .....	9
2. Capítulo II - Descrição do Trabalho Realizado e Análise de Resultados.....	10
2.1. O Projecto <i>Chinês nas Escolas</i> .....	10
2.2. Perfil das escolas e das turmas .....	10
2.2.1. Escola Secundária Carlos Amarante.....	11
2.2.2. EB 2, 3 Dr. Francisco Sanches .....	14
2.2.3. A Torre dos Pequenininos .....	17
2.2.3.1. O Dia da China n’A Torre dos Pequenininos .....	20
2.3. Análise do Material Didáctico utilizado.....	25
2.3.1. Lições de Chinês.....	25
2.3.2. Paraíso do Chinês .....	26
3. Capítulo III – O Ensino de Chinês a Crianças.....	28
3.1. A importância do estudo da língua chinesa.....	28
3.2. Desenvolvimento da linguagem na criança.....	28
3.3. Vantagens do bilinguismo .....	33
3.4. Vantagens de começar o estudo da língua estrangeira na infância.....	34
3.5. Estratégias de Ensino de Chinês a Crianças .....	35
3.5.1. Os Caracteres Chineses .....	35



3.5.2. Os Tons do Mandarim .....	37
3.6.Resultados .....	39
Conclusão .....	40
Bibliografia.....	41
Webgrafia .....	42
Anexos.....	43

## **Introdução**

Nos últimos anos o interesse pelo Oriente, e em particular pela China, tem crescido extraordinariamente. Motivados talvez pela facilidade com que hoje em dia se pode trocar informações e comunicar com outras partes do mundo, ou quem sabe até, à luz da recente crise económica que se tem feito sentir pela Europa, empresários e estudantes, assim como curiosos pela cultura chinesa, começam a expressar o desejo de aprender chinês. Este desejo de aprender cria pois uma necessidade de formar profissionais com conhecimento da língua chinesa e dos seus costumes que possam transmitir a potenciais alunos os seus conhecimentos eficazmente.

O mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês – Tradução, Formação e Comunicação Empresarial que frequentei na Universidade do Minho divide-se em quatro semestres, sendo que no último, os alunos têm de optar entre desenvolver uma tese ou estagiar nas áreas de tradução, ensino ou na área empresarial. Acreditando que o crescente interesse pela China abrirá as portas para o ensino do chinês em cada vez mais escolas por todo o país, optei então pela área de ensino.

Baseando-se em estudos nas áreas de ensino, e particularmente, em estudos sobre o ensino de chinês, assim como na minha própria experiência na área educacional, registada em detalhe nos capítulos seguintes, este relatório explora o tema do ensino de chinês em Portugal, as técnicas de ensino de línguas, assim como o tema do ensino de chinês a crianças do ensino básico.

## **Enquadramento e Objectivos**

O estágio profissional é o culminar da formação de professores. É a etapa final que precede a profissionalização, e é a altura em que a teoria e a prática andam de mãos dadas; a altura em que tudo o que foi aprendido tem de ser posto à prova e aplicado a situações reais.

O relatório de estágio tem então por objectivo ser um registo detalhado das actividades que foram desenvolvidas durante este estágio profissional, assim como ajudar na reflexão pessoal, no sentido de avaliar o que deu bons resultados e o que poderia ter sido melhor. É um documento que pretende demonstrar a evolução ao longo do estágio e que pretende buscar soluções para problemas que tenham surgido.

Este tipo de trabalho no entanto, não seria possível sem ter sido construído sobre bases teóricas. No sentido de contextualizar o estágio profissional, este relatório contém também todos os conhecimentos sobre os quais me apoiei para desenvolver o meu trabalho, desde o papel do professor na sala de aula, técnicas de comunicação com os alunos, assim como métodos de ensino de línguas estrangeiras e até o porquê da importância da aprendizagem do chinês.

Por último, este relatório tenciona ainda debruçar-se em especial sobre um tema ligado ao trabalho exercido durante o estágio profissional, nomeadamente o ensino de línguas a crianças do ensino básico (particularmente o ensino da língua chinesa). É um tema que em tudo está ligado ao estágio profissional que levei a cabo, e que portanto decidi investigar e registar conclusões a que cheguei, no sentido de me auxiliar com o meu trabalho com crianças.

# 1. Capítulo I - Fundamentos Teóricos do Ensino de Línguas

## 1.1. Breves considerações sobre o trabalho do professor

É do conhecimento geral que o papel principal do professor na sala de aula é transmitir o conhecimento aos alunos. No entanto, o trabalho de um professor tem de ir muito além disso: mais do que ser perito na sua área, o professor precisa de saber como *educar*.

Os alunos não são simplesmente “esponjas” que absorvem toda a sabedoria que lhes é transmitida, é preciso saber motivá-los, mostrar-lhes a importância daquilo que estão a aprender, e acima de tudo, saber adequar o método de ensino a cada um dos alunos, já que estes são indivíduos, cada qual exibindo diferentes competências.

O professor tem de saber como guiar os alunos para que estes obtenham os melhores resultados, sem no entanto esquecer que o objectivo não é que todos os alunos obtenham resultados iguais. Tal como explica Ramiro Marques: *“Ao contrário do que defende a pedagogia crítica, tão em voga no actual discurso pedagógico oficial, o objectivo final não é fazer com que todos os alunos atinjam os mesmos resultados educacionais. O objectivo é mais modesto e mais realista: procurar que todos os alunos atinjam o máximo das suas potencialidades, no respeito por um quadro cultural comum a uma herança cultural e civilizacional que é preciso proteger, transmitir e ampliar.”*<sup>1</sup>

Saber qual é o máximo das potencialidades de cada aluno não é tarefa fácil: exige uma proximidade e familiarização entre aluno e professor. Idealmente, um bom professor conhece os seus alunos tão bem como se dos seus próprios filhos se tratassem. E tal como um Pai ou Mãe desejaria para o seu filho, o professor pretende também que o aluno se desenvolva como ser humano em todos os aspectos. A promoção do desenvolvimento pessoal do aluno ao nível mental, moral e emocional

---

<sup>1</sup> MARQUES, Ramiro; 2001 (pág. 35)

é considerado o objectivo mais importante entre todos os objectivos da escola moderna.

Acreditando então que o Professor não é mais visto como o “detentor de saber” que apenas transmite o seu conhecimento, mas sim um mediador, um guia que auxilia os alunos na sua aprendizagem, a escola moderna exige ao Professor que vá mais além no seu trabalho. Exige-lhe, como explica Helena Vieira: “(...) *uma série de competências, não só técnicas como comunicacionais, com vista a melhorar o relacionamento com os seus alunos.*”<sup>2</sup>

Saber como comunicar na sala de aula é vital, pois é assim que se vai estabelecer a base do relacionamento entre o Professor e a turma. De acordo com Marie Joseph Chalvin<sup>3</sup>, o Professor pode assumir quatro atitudes diferentes de comunicação: agressivo, passivo, manipulador e assertivo. A diferença entre o tipo de Professor está na frequência de utilização de uma das atitudes em relação às outras três. O Professor ideal é capaz de estabelecer uma boa relação com o aluno, sem tender em direcção a uma só atitude, adaptando-se a cada caso e a cada aluno.

Podemos então concluir que nos dias de hoje, o trabalho do Professor é mais exigente, já que a sua relação com os alunos é mais próxima e pessoal. Ao Professor já não basta serem mestres da sua arte, por assim dizer, é necessário que saibam como controlar a sala de aula, assim como personalizar a sua forma de comunicar com a turma.

## **1.2.Língua Materna e Segunda Língua**

Quando falamos sobre o ensino de línguas, é importante sabermos distinguir a Língua Materna da Segunda Língua ou Língua Estrangeira, ainda que a diferença entre uma e outra pareça óbvia.

A língua materna é aquela da qual os indivíduos formam a primeira gramática e a que lhes permite comunicarem com os membros da sociedade em que se inserem. É,

---

<sup>2</sup> VIEIRA, Helena; 2000 (pág. 9)

<sup>3</sup> CHALVIN, Marie Joseph; 1994

regra geral, a língua que os seus progenitores falam, a língua oficial do país onde nasce, ou vive os seus primeiros anos de vida e aquela que domina. No caso de crianças cujos pais falam um idioma diferente cada um, ou de crianças que desde muito novas sejam obrigadas a aprender mais do que uma língua, pode ocorrer o bilinguismo, como será explicado mais à frente<sup>4</sup>.

A língua segunda ou língua estrangeira é aquela que o indivíduo adquire após a sua língua materna. A língua segunda pode não ter qualquer estatuto no país onde é falada, embora tenha dentro de determinada fronteira territorial. No entanto, se por exemplo um português nativo mudar-se para a China, o chinês é considerado por ele a língua estrangeira, embora esteja a ser falado no seu país de origem.

Desta forma, torna-se difícil definir exactamente o que é a língua estrangeira, especialmente quando consideramos casos de bilinguismo e multilinguismo, no entanto, simplificando, podemos afirmar que a língua estrangeira é aquela da qual o falante nunca vai dominar completamente da mesma maneira que um falante nativo domina.

### **1.3.Métodos de Ensino da Língua Estrangeira**

Em pleno século XXI, a Globalização é já uma realidade do quotidiano com a qual todos nós estamos habituados a lidar. Nos dias de hoje, é impossível viver em sociedade sem ter conhecimento de culturas diferentes e das suas linguagens. Surge então naturalmente uma necessidade de comunicar com povos de diferentes nações, e portanto falantes de outras línguas. Como consequência, o ensino de línguas estrangeiras populariza-se e torna-se indispensável nas escolas. Ao longo do tempo, várias metodologias foram-se desenvolvendo com base em estudos da Psicologia e Sociologia, metodologias essas que mais tarde foram adaptadas às necessidades de cada época dando origem a ligeiras variações assim como a métodos inteiramente novos. De seguida, os métodos de ensino de línguas estrangeiras mais prevalentes serão explicados.

---

<sup>4</sup> Ver Capítulo III ponto 3 “Vantagens do Bilinguismo”

### **1.3.1. O Método da Gramática e da Tradução**

Também chamado de Método Tradicional, o Método da Gramática e da Tradução surge na Prússia no final do século XVIII, começo do século XIX. Foi usado inicialmente no ensino de línguas clássicas como o latim e o grego, e posteriormente dirigido para o estudo de línguas modernas, e tem como principal objectivo tornar os alunos capazes de ler literatura da língua de chegada de modo a apreciarem a sua cultura. É um método que tem a tradução como a base da aprendizagem da língua (e portanto o uso da língua materna em explicações é frequente), focando-se no estudo das regras gramaticais e na memorização de listas de vocabulário, dando primazia à leitura e menosprezando a oralidade. Por esta mesma razão, enfrentou grande oposição no começo do século XX, com a origem das escolas de massas (isto é, ensino de línguas que não era apenas direccionado para a elite cultural), o que abriu caminho para os Métodos Naturais.

### **1.3.2. Os Métodos Naturais**

Os Métodos Naturais, que incluem o Método Directo, Áudio-oral e Audiovisual surgem no decurso do século XX e defendem que a aprendizagem de uma língua estrangeira deve ser feita da mesma forma natural que a aprendizagem da língua materna. A língua estrangeira deve ser portanto a única usada dentro da sala de aula e o uso da língua materna é proibido. Os Métodos Naturais dão maior ênfase à oralidade e a introduzir as regras gramaticais e o léxico num contexto, já que encaram a língua estrangeira principalmente como um instrumento de comunicação.

### **1.3.3. O Método Directo**

Seguindo estes princípios, surge então o Método Directo, que exclui a tradução como método de ensino e aplica técnicas como a associação de formas discursivas com gestos, mímica, desenhos e objectos reais. O objectivo é que o aluno aprenda a pensar na metalíngua<sup>5</sup>. É um método que defende que a leitura e a escrita devem surgir depois

---

<sup>5</sup> A “metalíngua” é a linguagem ou simbologia usada quando se discute ou se examina uma língua, ou seja, é a língua usada quando se pretende falar acerca de uma outra língua (a língua de chegada).

da expressão oral e que a gramática deve ser leccionada de forma indutiva, isto é, o aluno deve intuir as regras. Os temas usados na sala de aula devem estar relacionados com situações da vida real como por exemplo “ir às compras”.

#### **1.3.4. O Método Áudio-Oral e o Método Audiovisual**

Graças ao avanço das teorias linguísticas e das teorias de ensino e aprendizagem, surge a meados de 1950, nos Estados Unidos da América, os métodos áudio-oral (também chamado áudio-lingual) e o método audiovisual, que baseiam os seus princípios na corrente comportamentalista ou *behaviorista*<sup>6</sup> da psicologia. Tal como o Método Directo, estes métodos propõem que primeiramente se deve dominar a compreensão e expressão oral, e só depois desenvolver a escrita e a leitura, dando também primazia aos conhecimentos intuitivos das regras da gramática com base nos conhecimentos orais. Insistem na formação de hábitos como base da aprendizagem que adquirir-se-iam através de exercícios mecânicos de estímulo-resposta. Recorre-se à apresentação controlada e gradual de elementos linguísticos fonológicos, morfológicos, sintácticos e lexicais, com recurso à análise contrastiva entre a língua materna e a segunda língua. O professor é visto como um modelo a imitar pelos alunos, e as actividades da sala de aula passam pela memorização de diálogos e exercícios de repetição, podendo fazer-se uso de CDs/cassetes de áudio ou meios visuais, como por exemplo vídeos.

#### **1.3.5. O Método Comunicativo**

A partir dos anos 60/70, as teorias *behaviouristas* e a linguística estrutural começaram a ser postas em causa e a ser alvo de críticas. Como tal, surgem novos paradigmas sobre o ensino de línguas que dão origem ao Método Comunicativo. Este método tem como o seu principal objectivo o desenvolvimento das competências comunicativas do aluno, ou seja, o aluno tem que ser capaz de comunicar em sociedade, inicialmente de forma limitada, mas gradualmente mais fluente e correcta. É portanto exigido ao aluno que consiga comunicar em situações sociais do quotidiano em que previsivelmente terá que utilizar a segunda língua, como por exemplo identificar-se a si

---

<sup>6</sup> Teoria da Psicologia fundada por John B. Watson que defende que a Psicologia deveria ser estudada com base em comportamentos observáveis em humanos e animais. Estes comportamentos seriam adquiridos por condicionamento do meio.



próprio, descrever objectos ou situações, falar sobre viagens ou negócios, etc. Os erros são encarados como produtos naturais do desenvolvimento das capacidades comunicativas, e portanto tolerados. O ensino da escrita, da leitura e da gramática são também importantes e não postos de parte por este método, que tem como princípios básicos a atenção ao uso de linguagem apropriada, à ênfase na mensagem, à tentativa real de simular processos psicolinguísticos e no desenvolvimento de técnicas de prática de produção livre.

### **1.3.6. O Método Natural**

Seguindo a base teórica do Método Directo, e inspirado nele, surge nos anos 80 o Método Natural<sup>7</sup>. Os princípios básicos deste método assentam principalmente na distinção entre aquisição, um processo inconsciente e natural, e aprendizagem, um processo consciente por parte do aluno, sendo que este método atribui maior importância ao primeiro. A aquisição da língua estrangeira deve idealmente seguir os padrões da aquisição da língua materna, isto é, o léxico deve ser introduzido num contexto e a gramática, tal como no Método Directo, deve ser ensinada de forma indutiva. As actividades e tarefas dadas ao aluno devem derivar dos interesses deste, devem ser efectuadas somente na língua de estudo, e devem ser sempre de um nível de língua ligeiramente mais elevado do que aquele que os alunos já possuem. Os materiais usados devem ter uma origem real (jornais, revistas...), isto é, evitam-se os manuais.

### **1.3.7. O Método por Tarefas**

O método por tarefas tem como principal objectivo desenvolver a competência comunicativa do aluno. Tal como o nome sugere, a aprendizagem é feita através de tarefas, isto é, actividades realizadas com a intenção de alcançar um objectivo previamente estabelecido. As tarefas variam entre o tipo de interacção que geram entre o professor e os alunos e pelo grau de participação que exigem destes na tomada de decisões quanto aos objectivos a alcançar e as actividades a realizar. Este método coloca o aluno no papel central, invocando a sua imaginação e criatividade, e exigindo ao aluno

---

<sup>7</sup> Este método foi concebido por Krashen e Terrell no final dos anos 70, início dos anos 80 com base nos estudos naturalistas sobre a aquisição da segunda língua.

que faça uso dos seus conhecimentos prévios e experiências pessoais. No caso de algumas propostas, as lições são concebidas como uma sequência de actividades (culminando num projecto) que requerem utilização de raciocínio e a expressão de significados cada vez mais complexos e através das quais os alunos devem alcançar um objectivo determinado. As tarefas podem variar entre dramatizar um conto, a elaborar um relatório da aula ou até definir um caminho num mapa. O processo é sempre acompanhado pelo professor que presta auxílio sempre que os alunos se depararem com dificuldades comunicativas, fazendo com que a abordagem à língua estrangeira surja conforme as necessidades criadas pelas próprias actividades.

#### **1.3.8. O Método Eclético**

O Método Eclético não é senão a combinação de vários outros métodos, juntando actividades, recursos e técnicas de todos os sistemas de ensino da língua estrangeira. Pode-se afirmar que a maioria dos cursos modernos de ensino de uma língua estrangeira fazem uso do Método Eclético, não se limitando portanto a uma única metodologia. O Método Eclético é o recomendado no ensino de línguas, pois as variáveis no ensino podem exigir abordagens diferentes a em cada situação.

## **2. Capítulo II - Descrição do Trabalho Realizado e Análise de Resultados**

### **2.1.O Projecto *Chinês nas Escolas***

O Projecto Chinês nas Escolas é um projecto coordenado pela Professora Emília Dias, licenciada em Estudos Orientais e Mestre em Estudos Interculturais Português/Chinês – Tradução, Formação e Comunicação Empresarial pela Universidade do Minho, e tem como objectivo promover o ensino da língua chinesa em várias escolas do norte do país.

No ano lectivo 2012-2013 fiz parte deste projecto, onde me foi dada a oportunidade de leccionar em duas escolas de Braga: a escola EB 2, 3 Dr. Francisco Sanches, e a Escola Secundária Carlos Amarante. Paralelamente, trabalhei também em colaboração com o Instituto Confúcio na escola “A Torre dos Pequenininos” em Santo Tirso.

Os resultados das actividades nestas três escolas são extensivamente analisados de seguida.

### **2.2.Perfil das escolas e das turmas**

O conhecimento da turma a que se vai leccionar é importante, pois os saberes e os métodos de ensino têm de ser adaptados aos alunos e dirigidos a eles. Como tal, elaborei um perfil das três turmas que acompanhei durante este ano, perfil esse que fui actualizando de modo a conhecer melhor cada aluno, tornando mais eficaz a comunicação dentro da sala de aula. Neste capítulo encontra-se então uma apresentação das turmas, assim como o registo do trabalho realizado com cada uma delas, introduzido por uma caracterização da respectiva escola.

### 2.2.1. Escola Secundária Carlos Amarante



**Fig. 1** A Escola Secundária Carlos Amarante

Inaugurada a 1884, a escola Carlos Amarante passou por vários nomes e locais até adquirir o seu actual nome em 1975. Tem turmas desde o 7º até ao 12º ano de escolaridade, e um vasto leque de actividades extracurriculares, sendo o chinês uma delas.

No ano lectivo 2012-2013, leccionei à turma de iniciação todas as quartas-feiras das 15:15 às 16:45 com a colaboração do Professor Estagiário do Instituto Confúcio Zang Xiaobin, estando a turma de continuação a decorrer às mesmas horas na sala adjacente. A primeira aula foi dada a 3 de Outubro de 2012, e a última aula ocorreu a 12 de Junho de 2013. Foram portanto leccionadas 31 aulas, perfazendo 46 horas e meia no total.

A turma da Escola Secundária Carlos Amarante começou com vinte e três inscrições de alunos entres o 7º e o 12º ano de escolaridade. No entanto, às primeiras aulas apenas se apresentaram quinze. Destes quinze alunos, uma viria a desistir devido à incompatibilidade de horários, fazendo com que a turma final fosse constituída por catorze alunos: nove raparigas e cinco rapazes, com cinco alunos do 7º ano, oito do 10º ano e um aluno do 12º ano. A média de idades desta turma era portanto de catorze anos.

A turma da escola Carlos Amarante foi uma turma que aprendeu com facilidade e com a qual criei grande empatia. Empenharam-se com entusiasmo nas tarefas dadas na sala de aula, mostraram interesse e tiveram curiosidade sobre não só a língua chinesa como também aspectos culturais da China. Gostavam de saber sempre um pouco mais

do que aquilo que aprendiam em cada lição, chegando mesmo a enviar e-mails para esclarecer dúvidas. Assimilaram conhecimentos rapidamente, embora se tenha notado que não reviam a matéria em casa e portanto, quando questões de lições anteriores lhes eram postas, por vezes mostravam relutância em responder.

As maiores dificuldades desta turma advieram do facto de que muitos alunos encontravam-se em anos de exames ou de preparação para exames, e portanto relegavam o estudo de chinês para último lugar, o que é compreensível. Alguns alunos faltavam devido a actividades escolares que requeriam a presença deles para ensaios, no entanto mantiveram-se a par da matéria com a revisão que eu e o Professor Zang fazíamos no início de cada aula. Certos alunos demonstraram interesse em continuar o estudo da língua chinesa para além deste ano lectivo.

A estrutura das aulas seguia um padrão que eu e o Professor Zang elaborámos em conjunto: a aula começava com cinco a dez minutos de revisão da matéria anterior, com mais cinco minutos para escrever um pequeno ditado que consiste em duas ou três frases usando pontos gramaticais e vocabulário da lição da aula anterior.

De seguida, começávamos o estudo da matéria nova, utilizando o manual. Primeiramente era lido o vocabulário e exigido aos alunos que o repetissem várias vezes, explicando depois o significado de cada palavra usando frases exemplo e pedindo aos alunos que elaborassem frases semelhantes. Por vezes fazíamos frases em português que pedíamos aos alunos que tentassem traduzir para chinês, e outras fazíamos o inverso, ou seja, dizíamos em chinês e pedíamos ao aluno para traduzir para português. Continuávamos depois com a leitura de diálogos e textos do manual, sempre pedindo aos alunos para traduzir cada frase de modo a certificarmos-nos que sabiam o que estavam a ler, e enquanto que o Professor Zang ia corrigindo a pronúncia de alguns alunos, eu explicava pontos gramaticais e estruturas frásicas que lhes causavam dúvidas. Nos últimos dez a quinze minutos de aula, os alunos faziam exercícios do livro de actividades, que levavam para trabalho de casa, caso não terminassem na aula. Estes exercícios eram depois corrigidos em conjunto na aula seguinte.

Quanto a dificuldades concretas em relação à matéria, dado que a turma era composta maioritariamente por alunos do secundário e portanto mais maduros e responsáveis, não surgiram muitas dificuldades persistentes, até porque os alunos

sentiam-se à vontade para colocar questões durante a aula. No entanto, notei grande dificuldades a nível da pronúncia das palavras em chinês, especialmente em palavras como 姓(*xìng* - apelido), 星期 (*xīngqī* - semana) e palavras como por exemplo 是 (*shì* - ser), 十 (*shí* - dez) e 师 (*shī* – professor/ mestre) devido à tendência de ler o *pīnyīn*<sup>8</sup> da mesma forma que em português se leria. O Professor Zang portanto repetia as palavras frequentemente obrigando os alunos a pronúnciá-las, primeiro todos juntos, depois um-a-um, até que conseguissem pronúnciar correctamente.

No que toca à escrita, facilmente confundiam 老 (*lǎo* - velho) com 都 (*dōu* – tudo/todos) e 那 (*nà* - aquele) com 哪 (*nǎ* - qual) devido à semelhança visual destes caracteres. Para resolver esta confusão com os caracteres, pedia-lhes que os escrevessem bastantes vezes, chegando a incluí-los nos ditados que eram feitos no início da aula, e todas as aulas inquiria qual a diferença entre eles, até que deixou de haver dúvidas e a revisão destes tornou-se desnecessária.

No que respeita à avaliação, realizei dois testes globais, um no final do 2º Período no dia 13 de Março, que consistiu apenas num teste escrito, e outro no final do 3º Período que eu e o Professor Zang dividimos em teste escrito e teste oral, estando a parte escrita a meu cargo e a parte oral a cargo do Professor. O teste oral foi feito no dia 5 de Junho e o escrito no dia 12 do mesmo mês. Os resultados dos estudantes foram excelentes em todos os testes realizados com a excepção de dois alunos do 7º ano, cuja motivação para frequentar as aulas de chinês foi desde o início duvidosa. Para além destes testes, como já referido anteriormente, em cada aula era realizado um ditado de uma ou duas frases relativas aos conteúdos abordados na aula anterior. Os resultados destes ditados foram sempre inconstantes, talvez porque em certas alturas, os estudantes tinham testes de outras disciplinas e estavam mais ocupados.

Em conclusão, os alunos da Carlos Amarante terminaram o primeiro manual e ainda estudaram três lições do segundo volume, ficando com uma boa base de conhecimentos da língua chinesa. Dado que durante este ano provaram continuamente que eram na sua maior parte assíduos, responsáveis e principalmente interessados, cumprindo os objectivos propostos, existe a possibilidade de continuarem o estudo de chinês no futuro.

---

<sup>8</sup> Romanização escrita da leitura de um carácter chinês, usada pelo governo da China pela primeira vez em 1958.

### 2.2.2. EB 2, 3 Dr. Francisco Sanches



**Fig. 2** A Escola Básica Dr. Francisco Sanches

A escola Dr. Francisco Sanches inaugurou a 1994 e tem alunos do 5º ao 9º ano de escolaridade, ou seja, 2º e 3º ciclo. Tal como na Escola Secundária Carlos Amarante, as aulas de chinês fazem parte das actividades extra curriculares que os alunos podem escolher, e também à semelhança da Escola Secundária Carlos Amarante, existem duas turmas – a de iniciação, para os alunos que nunca aprenderam chinês anteriormente, e a de continuação, para quem já tem conhecimentos desta língua. Paralelamente à Escola Secundária Carlos Amarante, e mais uma vez em conjunto com o Professor Zang Xiaobin, no ano lectivo de 2012-2013, leccionei chinês aos alunos da turma de iniciação.

As aulas na Escola Francisco Sanches decorriam das 17:00 às 18:30 todas as quartas-feiras, tendo a primeira aula ocorrido no dia 3 de Outubro de 2012, tal como na Escola Secundária Carlos Amarante, e a última a 5 de Junho de 2013, perfazendo um total de 30 aulas (45 horas).

A turma da Escola Francisco Sanches começou com numerosas inscrições de alunos desde o 5º ao 9º ano, mas apenas uma parte desses alunos compareceu às primeiras aulas, e durante o 1º Período houve inúmeras desistências. Estas desistências deveram-se principalmente ao facto de as aulas no primeiro período acabarem à noite quando já está escuro, pois muitos alunos voltavam a casa a pé, e os pais não os permitiam voltar sozinhos a casa a essa hora. O número de alunos continuou inconstante até meados do segundo período, quando finalmente estabilizou com catorze alunos. A maior parte da turma consistia em alunos do 5º ano (dez alunos), com apenas dois

alunos do 6º ano, um aluno do 7º ano e uma aluna do 9º. A turma compreendia oito raparigas e seis rapazes e a média de idades era de doze anos.

A turma da escola Francisco Sanches foi uma turma que exigiu muita persistência, já que era uma turma grande composta maioritariamente por crianças ainda jovens e portanto facilmente distraídas. Os alunos reagiram bem a exercícios orais e jogos didácticos, mas como facilmente se distraíam com os colegas, foi difícil fazê-los escrever durante longos períodos de tempo.

Alguns alunos rapidamente assimilavam a matéria dada na aula enquanto que outros não prestavam atenção, por conseguinte, o nível dos alunos era muito dispar. Tendo em conta esta situação, tentei sempre “puxar” mais pelos alunos que rapidamente assimilavam os conhecimentos dando-lhes exercícios e perguntas mais difíceis, ao mesmo tempo que fazia numerosas revisões para os alunos com um ritmo mais lento.

A estrutura da cada aula seguia o mesmo padrão que eu e o Professor Zang elaboramos para a Escola Secundária Carlos Amarante, isto é, começávamos com uma revisão da matéria anterior, fazíamos um ditado, ensinávamos e praticávamos os conteúdos de uma lição nova com a ajuda do manual e por fim fazíamos exercícios do livro de actividades. No caso da Escola Francisco Sanches, rapidamente nos apercebemos que os estudantes estavam mais interessados em aprender a “falar” e não a “escrever”. Dado serem mais jovens, não era possível exigir-lhes um nível de atenção e empenho igual ao da turma da Escola Secundária Carlos Amarante, pelo que, a maior dificuldade dos alunos desta turma foi sempre a escrita de caracteres.

Apesar da insistência da minha parte e da parte do Professor Zang, os alunos simplesmente não entendiam a importância da ordem de traços aquando a escrita de um carácter. Era-lhes também muito difícil memorizar todos os caracteres dados na aula, principalmente se estes tivessem numerosos traços. Na tentativa de resolver esta situação, exigia aos alunos que escrevessem frases no caderno ou no quadro e copiassem tudo o que eu ou o Professor Zang escrevêssemos. Acompanhava também a introdução de um novo carácter com uma explicação sobre a sua origem e os seus radicais. Esta estratégia no entanto, apenas resultou parcialmente, sendo que alguns alunos, devido à falta de vontade e atenção, melhoraram pouco. Por vezes também elaboravam frases incorrectas pois usavam estruturas gramaticais portuguesas, como por



exemplo “我是高” (*wǒ shì gāo* – Eu sou alto), sendo que em chinês não se usa o verbo 是 (*shì* - ser) antes de um adjectivo como 高 (*gāo* - alto). Foi preciso frequentemente lembrá-los para que não aplicassem a gramática portuguesa a frases chinesas. Ensinar os classificadores (como por exemplo 个 (*gè*) e 只 (*zhǐ*)) e explicar que não têm tradução ou um equivalente em português foi também um dos maiores desafios.

A nível da oralidade, tinham bastante dificuldade em diferenciar 我 (*wǒ* - eu) e 五 (*wǔ* – cinco), pelo que foi necessário repetir bastante estas palavras. Os tons no entanto, provaram ser o maior obstáculo de todos, uma vez que os alunos não eram capazes de se recordar do tom correcto, ou eram incapazes de o pronunciar, mesmo após o Professor Zang o repetir.

Quanto à avaliação deste turma, eu e o Professor Zang optamos por aplicar apenas um teste no final do ano lectivo, já que o ritmo da turma da Escola Dr. Francisco Sanches era comparativamente mais lento. O teste era composto por duas partes, a oral e a escrita, tal como na Escola Secundária Carlos Amarante. O teste oral ocorreu no dia 29 de Maio de 2013 e o escrito no dia 5 de Junho. Os alunos não demonstraram qualquer dificuldade no teste oral, respondendo às perguntas do Professor Zang com confiança (ainda que com erros nos tons), no entanto, no teste escrito, tiveram bastantes dificuldades para ler o pequeno texto que incluí e responder às perguntas de interpretação. Os resultados foram portanto mistos, havendo claras diferenças entre o nível de cada um dos alunos. O mesmo fenómeno se pode observar nos resultados dos ditados feitos em cada aula, havendo alunos que mantiveram um nível bom durante todo o ano, e outros que não conseguiram obter resultados satisfatórios o ano todo.

Em conclusão, a turma da Escola Dr. Francisco Sanches foi a turma que apresentou o maior desafio, já que os alunos eram muito activos mas pouco motivados para trabalhar. O uso de jogos e canções como meio para transmitir a matéria deu bons resultados mas pouco ajudou na parte escrita, pelo que os alunos terminaram o ano sabendo apenas alguns caracteres.

### 2.2.3. A Torre dos Pequeninos



**Fig. 3** A Torre dos Pequeninos

A Torre dos Pequeninos é um instituição com 10 anos que ensina crianças desde a creche até ao 4º ano de escolaridade. A escola oferece aos alunos vários *ateliers* como Música, Inglês, Ginástica e Chinês, este último tendo sido posto a meu cargo no ano lectivo de 2012-2013. Ao contrário da escola Carlos Amarante e da escola Dr. Francisco Sanches, as aulas foram leccionadas sem a colaboração de um professor chinês. O projecto foi denominado “Viagem ao Oriente” e contou com a colaboração do Instituto Confúcio que forneceu os manuais e incumbiu a Professora Emília Dias de supervisionar as aulas uma vez por mês, acompanhada de um professor ou professora de nacionalidade chinesa.

As aulas ocorriam todas as segundas e sextas-feiras, das 16:15 às 17:00, tendo a primeira aula lugar a 1 de Outubro de 2012 e a última a 7 de Junho de 2013, fazendo com que o total de aulas dado tenha sido de 58 (43 horas e meia no total).

A turma da escola A Torre dos Pequeninos manteve-se uniforme durante o ano, à excepção de uma aluna que entrou a meados do 2º Período. Com esta aluna, o total de alunos era de vinte e três crianças, sendo que dez eram meninas e treze meninos. A média de idades destes alunos era de sete anos, e todos eles eram alunos do 2º ano do Ensino Básico.

Uma vez que eram tão jovens, a minha abordagem com estes alunos teve de ser diferente. Não só era a idade um obstáculo (pois é difícil manter a atenção de crianças tão jovens numa só tarefa), como também o grande número de alunos assim como o tempo limitado de aula (apenas 45 minutos). Todos estes factores fizeram-me reconsiderar a minha estratégia que havia aplicado às outras duas escolas, e acabei por decidir desde logo que com esta turma, o foco tinha de ser na oralidade, dando apenas um pouco de escrita.

Tendo esta nova estratégia em mente, apostei portanto na apresentação de vídeos e canções chinesas, exercícios de repetição, jogos e “teatros” em que os alunos ensaiavam diálogos sobre a matéria e depois apresentavam perante a turma. Esta abordagem deu bons resultados: os alunos assimilaram bem a matéria e ao mesmo tempo divertiam-se, o que contribui para prender a sua atenção e despertar-lhes o interesse pela língua. Também o uso de *flashcards* ajudou imenso na memorização de caracteres.



**Fig. 4** *Flashcards* sobre as bebidas em chinês

Alguns alunos no entanto, mais tímidos, tiveram dificuldades em apresentar trabalhos em frente à turma. Foi necessário incentivá-los a ultrapassar a sua vergonha, elogiando-os por trabalhos anteriores e solicitando a cooperação dos colegas para que os alunos mais acanhados se sentissem perfeitamente integrados e menos inibidos.

O ensino dos número em chinês foi particularmente bem sucedido nesta turma por ter sido ensinado através de um jogo simples: os alunos tinham de contar em chinês e

em voz alta, um a um, no entanto quando era um número múltiplo de cinco, tinham de em vez de contar, bater palmas. Quem cometesse um erro, ficava fora de jogo até haver apenas um aluno em jogo, que seria o vencedor. Este método teve bons resultados na turma da Torre dos Pequeninos pois esta não só era uma turma que aprendia surpreendentemente rápido, como também era competitiva: cada criança queria ser o vencedor ou a vencedora, e esforçava-se ao máximo para memorizar as palavras correctamente.

No entanto, as aulas não podiam ser sempre à base de jogos, e portanto, regra geral, seguiam um padrão que elaborei tal como fiz para as escolas de Braga, embora menos fixo do que aquele que lhes apliquei, uma vez que o tempo era mais limitado e a turma maior. Começava sempre com uma nova lição no início da semana, entregando fichas<sup>9</sup> organizadas por mim própria com base nos conteúdos do livro “Paraíso do Chinês” que me foi oferecido pelo Instituto Confúcio. Estas fichas continham uma imagem retirada do livro e relevante ao tema da lição, uma tabela de vocabulário com as palavras-chave, seguida de exemplos de frases. A preparação de fichas foi necessária pois a escola A Torre dos Pequeninos tomou a decisão de não adoptar o manual, com o objectivo de reduzir os custos para os pais das crianças da turma.

Antes de entregar as fichas, tentei que os alunos copiassem a matéria do quadro, pois acreditei que a cópia seria um auxiliar à memória, porém, alguns alunos demonstravam grandes dificuldades em apontar nos cadernos todas as palavras da lição, ou copiavam com os tons errados, ou não eram capazes de copiar os caracteres por si só, e portanto, para reduzir o tempo de aula gasto no apoio que prestava individualmente a cada aluno, decidi cedo que os alunos precisavam de algo que pudessem usar como um manual.

Ordenei portanto que cada alunos comprasse um portfólio de micas, e que cada aula colocassem todas as fichas e materiais que eu entregasse neste portfólio. O resultado foi bastante positivo pois não só os alunos tinham agora um substituto do manual, como alguns começaram a rever a matéria em casa com a ajuda dos pais ou outros parentes mais velhos.

---

<sup>9</sup> Um exemplo de uma destas fichas encontra-se em Anexo I.

As aulas na Torre começavam por norma com a repetição das novas palavras várias vezes até que os alunos as memorizassem, e a seguir a repetição das frases. De seguida pedia-lhes que fizessem eles próprios frases, baseadas nas que aprenderam. Esta rotina era muitas vezes quebrada para que as aulas não se tornassem monótonas, e por vezes introduzia o vocabulário por meio de canções, vídeos e jogos, tal como mencionei anteriormente.

A turma da Torre dos Pequeninos, apesar de ser uma turma, em geral, perspicaz e interessada, teve certos entraves na aprendizagem dos caracteres chineses, consequência da minha decisão de incidir mais sobre a oralidade e relegar a escrita para segundo plano. No total, aprenderam pouco mais de vinte caracteres, entre os quais os pronomes pessoais 我(*wǒ* – eu), 你(*nǐ* – tu), 他(*tā* – ele), 她(*tā* – ela), e 们(*mēn* -plural) e alguns verbos como 是(*shì* – ser), 有(*yǒu* – ter), 吃(*chī* – comer) e 看(*kàn* – ver), entre outros. Na sua maioria os alunos foram capazes de escrever estes caracteres sem precisar de consultar o portfólio e as fichas, chegando mesmo a ser capazes de escrever os caracteres pela ordem de traços correcta.

Em conclusão, a turma da Torre dos Pequeninos surpreendeu-me pela sua capacidade de memória e raciocínio apesar da tenra idade. Creio que o ensino de chinês a crianças tão jovens como as da Torre tem de ser criativo e ao mesmo tempo repetitivo, no sentido de captar a atenção da turma e certificar-se que as palavras não são esquecidas. A turma da Torre era demasiado numerosa e as aulas demasiado curtas para que pudesse ensinar a escrita em profundidade, no entanto creio que os alunos ficaram com um conhecimento da língua falada bastante bom, sendo capazes de se apresentarem e dialogar sobre temas simples em mandarim.

### **2.2.3.1.O Dia da China n'A Torre dos Pequeninos**

Durante a minha estadia na escola A Torre dos Pequeninos, foi-me pedido que preparasse uma série de actividades relativas à China, para serem desenvolvidas durante a interrupção lectiva de Verão. Estas actividades tinham de, além de serem relacionadas com a China, serem adequadas à faixa etária dos alunos da Torre, e serem suficientemente variadas para que se pudessem criar turnos diferentes para cada turma.

Após contactar a Dr. Emília Dias do Instituto Confúcio a solicitar a sua colaboração, reunimo-nos com o a Professora Zulmira Arantes, directora pedagógica da Torre dos Pequeninos e professora do 4º ano, e definimos as actividades (organizadas em *ateliers*) e os horários de cada turno. Assim que tivemos a confirmação dos professores chineses do Instituto Confúcio que iriam ajudar nos *ateliers*, assim como actuar para os alunos da Torre, a data do evento foi então estipulada para 17 de Junho de 2013, uma segunda-feira.



**Fig. 5** Os Professores que colaboraram com a Torre dos Pequeninos no evento das férias de Verão

No dia em questão, a Professora Emília chegou à hora combinada (9:15), juntamente com os professores chineses: a professora Baoli que iria executar a dança e ensinar *Taiji*, a professora Yu Yibing que tocou o instrumento musical *Pipa* e esteve encarregue do *atelier* de caligrafia, a professora Jia Yuntan que ensinou recorte de papel e o professor Wang Jushang, responsável pelo *atelier* de canto.

O *atelier* escolhido para a parte da manhã para o 1º ano de escolaridade foi a Caligrafia, que decorreu nas salas de aula e fez uso dos pincéis e panos laváveis próprios para a prática de caligrafia chinesa com pincel, fornecidos pelo Instituto Confúcio. O 2º ano teve aulas de canto na biblioteca, enquanto que o 3º tinha *Taiji* no pátio da escola e o 4º ano aprendia a fazer nós chineses.



símbolo da sua autoridade e por fim 阨 (wéi – cerco/recinto) que representa as fronteiras ou muralhas em redor de um país – todos juntos formando o carácter 國.

Paralelamente a todas as actividades, encontrava-se na cantina uma mesa com vários objectos cedidos pelo Instituto Confúcio especialmente para a ocasião, entre os quais: nós chineses, pauzinhos, pincéis, recortes de papel, máscaras e um peluche de um panda. Durante o dia, as turmas foram trazidas a este “mini museu” onde uma das professoras do Instituto Confúcio explicava a função de cada objecto, ou a sua importância na cultura chinesa.



**Fig. 7** Vários objectos emprestados pelo Instituto Confúcio.

Ao final da tarde, depois dos *ateliers* terem terminado para todas as turmas, os alunos foram reunidos na cantina onde iriam assistir a uma dança chinesa executada pela professora Bao Li, assim como a um solo no *pípá* (琵琶), um instrumento de quatro cordas tradicionalmente chinês, tocado pela professora Yu Yibing e por fim, a uma canção chinesa cantada pelo professor Wang.

No final das actuações os alunos tiveram a oportunidade de colocar questões aos professores chineses, questões essas sobre a China, a sua cultura e a sua língua. Os alunos mostraram bastante interesse sobre estes tópicos, fazendo imensas perguntas desde “Porque é que os chineses comem com pauzinhos” até “Qual é a diferença entre o chinês e o Mandarim”. A professora Emília e a professora Yu Yibing responderam à



maioria destas questões, com a ajuda das professoras da Torre dos Pequeninos, que mantiveram a ordem.

A professora Zulmira Arantes da Torre dos Pequeninos, que prestou auxílio durante o evento dirigindo os alunos para as salas certas, e certificando-se que tudo corria de acordo com o planeado, mostrou-se satisfeita com a experiência, tecendo o seguinte comentário: *“As actividades realizadas permitiram partilhar aspectos característicos de ambas as culturas. Os alunos manifestaram interesse e curiosidade pela cultura oriental. A dinâmica foi positiva e enriquecedora para todos os envolvidos no processo. Futuramente será uma iniciativa a repetir.”*

Em concordância com as palavras da Professora Zulmira Arantes, creio que o Dia da China na Torre dos Pequeninos foi uma experiência positiva para todos os presentes. Os alunos dedicaram-se às tarefas dos *ateliers* com entusiasmo e curiosidade, aprendendo sobre a cultura chinesa por meio de jogos e actividades lúdicas, e os professores chineses, assim como as professoras da Torre, tiveram a oportunidade de trocar impressões e comparar métodos de ensino diferentes.

### **2.3. Análise do Material Didáctico utilizado**

Durante o ano lectivo, utilizei, entre as três escolas onde leccionei, dois manuais de chinês diferentes. Considero que a análise destes manuais é importante, pois o ensino de chinês nas escolas é ainda muito recente em Portugal, e como tal, os manuais existentes não estão sujeitos a nenhum programa oficial e consequentemente, abordam temas diferentes e de maneiras diferentes. Ao dissecarmos cada um destes manuais, podemos chegar a uma conclusão sobre que temas são indispensáveis, que métodos dão melhores resultados, e por conseguinte, trabalhar para melhorar a qualidade dos materiais utilizados no ensino de chinês.

#### **2.3.1 Lições de Chinês**

O manual que utilizei na Escola Secundária Carlos Amarante assim como na Escola Básica Dr. Francisco Sanches tem o nome de “Lições de Chinês” (汉语课本 *hànyǔ kèběn*) Volume 1, e foi editado pelo Instituto Confúcio, sendo que a edição que utilizei foi a de 2010.

Este manual é indicado para o ensino de chinês a crianças e jovens adultos, contendo onze lições organizadas em três unidades. Cada lição aborda um tema diferente (como por exemplo “Os números” ou “Os países”), começando com uma tabela com o vocabulário relevante ao tema, que fornece o carácter da palavra, *pīnyīn* (escrita fonética) assim como a tradução. De seguida, algumas frases e diálogos exemplo são apresentados, e por último, a morfologia de alguns caracteres é explicada através de desenhos e esquemas.

No final de cada unidade encontra-se uma síntese dos pontos gramaticais abordados, assim como o vocabulário. São também incluídos pequenos poemas ou histórias que empregam as expressões estudadas, de forma a expô-las em contexto.

Quanto aos objectivos de aprendizagem, estes estão claramente explicitados na primeira página do livro, divididos em três pontos fulcrais: conhecimento dos sons do mandarim, conhecimento do sistema da escrita chinesa e domínio de expressões simples.

O manual é também acompanhado de um caderno de exercícios complementar, que contém exercícios de repetição, exercícios de pergunta e resposta e até exercícios de prática de caracteres. Estes exercícios estão organizados de acordo com as lições do manual, e destinam-se à revisão da matéria, assim como no auxílio à memorização.

Na escola secundária Carlos Amarante, tendo terminado o Volume 1 do manual Lições de Chinês, passamos a utilizar o Volume 2. O Volume 2 continua a matéria introduzida no Volume 1, ou seja, vai desde a lição 12 até à lição 19 (unidade 4 até à 5), e está organizado da mesma forma. Tal como o Volume 1, o Volume 2 também se faz acompanhar de um caderno de exercícios.

Os manuais “Lições de Chinês” são concisos e bem organizados, no entanto, sinto que a parte cultural do ensino de chinês é deixada de fora, sendo as lições dedicadas exclusivamente à língua sob a forma de estruturas gramaticais e vocabulário, apenas sendo abordada a cultura chinesa na poucas página dedicadas à morfologia dos caracteres. Existem também várias ocasiões em que o *pīnyīn* das palavras está incorrecto, assim como ocasiões em que as frases em português têm uma estrutura bizarra.

### **2.3.2. Paraíso do Chinês**

O manual que me foi oferecido para utilizar na escola A Torre dos Pequenos tem o nome de “Paraíso do Chinês” (汉语乐园 - *hànyǔ lèyuán*), é editado pela Beijing Language and Culture University Press, e a edição que usei é do ano de 2009.

O “Paraíso do Chinês” destina-se ao ensino de mandarim a crianças pequenas, ou seja, do nível básico de escolaridade. O livro contém doze lições organizadas em seis unidades, cada lição focando-se num tema, contendo ilustrações relativas a este, com pequenas bandas desenhadas ilustrando diálogos. A quantidade de vocabulário introduzido em cada lição é relativamente pequena, sendo que algumas lições não introduzem mais do que três ou quatro palavras novas. No fim de cada lição, o livro sugere trabalhos de expressão plástica, ou poemas e músicas. Dedicar sempre uma secção para a cultura chinesa, contendo ilustrações alusivas a festivais chineses, dragões e outras criaturas do folclore chinês, assim como comidas tradicionais, entre outros.

O manual faz-se acompanhar de um CD com o áudio de cada lição, assim como um livro de exercícios que também tem o seu próprio CD áudio, um caderno de flashcards para o professor, e ainda mais quatro CDs complementares com músicas, karaoke e vídeos em chinês. Os flashcards contêm todas as palavras-chave das lições, com o *pīnyīn* e uma figura de um lado, e a tradução portuguesa do outro e o livro de exercícios não só contém exercícios de revisão da matéria, como também alguns exercícios de desenho ou pintura.

O “Paráiso do Chinês” é na minha opinião, um excelente manual para crianças, com a quantidade de matéria adequada para cada lição, bem organizado e com bonitas ilustrações que apelam aos mais pequenos. As curiosidades sobre a cultura da China introduzidas no final de cada lição são uma mais valia que enriquece o conteúdo do livro. No entanto, os exercícios do caderno de exercícios são demasiado simplistas e concedem demasiada importância aos trabalhos manuais, não sendo muito úteis à memorização dos caracteres ou estruturas gramaticais.

### **3. Capítulo III - Ensino de Chinês a Crianças**

#### **3.1.A importância do estudo da língua chinesa**

O estudo da língua chinesa, até recentemente, sempre foi algo reservado apenas para aqueles que nutriam uma paixão pelo Oriente, que se interessavam pela cultura chinesa, a sua longa história e os seus interessantes costumes, que tanto contrastam com os europeus. Era uma língua que muitos outros evitavam estudar, por não sentirem ser relevante no seu dia-a-dia, assim como demasiado complexa.

No entanto, no mundo em que vivemos hoje, é impensável não incluir uma segunda língua no plano de estudos dos jovens. Até agora, o inglês e o francês dominavam o currículo escolar, com a possibilidade de, em algumas escolas, integrar uma turma de espanhol ou alemão, mas é indiscutível que nos últimos anos, devida à crise económica, o mundo tem prestado mais atenção à Ásia, e em particular à China, invejando o seu sucesso económico e procurando aprender com ele. Por esta razão, muitos decidem aprender chinês, com a esperança que lhes venha a ser útil no mercado de trabalho. O chinês deixou então de ser uma língua que apenas certos intelectuais escolhiam estudar, para se tornar numa mais valia para empresários e estudantes de todos os estratos sociais.

Cientes da importância da China no mundo de hoje, e das oportunidades que o seu sucesso trazem, muitos pais optam por inscrever os filhos em aulas de chinês, pois acredita-se que o estudo de uma língua estrangeira deve ser iniciado o mais cedo possível. Mas porque é que o estudo das línguas tem de ser iniciado quanto antes? Este capítulo pretende responder a esta questão, assim como explorar as técnicas de ensino de línguas aplicadas ao ensino de chinês a crianças.

#### **3.2.Desenvolvimento da linguagem na criança**

Para melhor compreendermos o processo de aprendizagem de uma segunda língua na criança, é importante antes de mais, termos conhecimento de como se desenvolve a língua materna na criança. Como a língua materna não está sujeita a nenhum método de

aprendizagem específico, já que é adquirida de forma natural através dos progenitores e/ou do meio envolvente, podemos identificar um padrão no seu desenvolvimento.

O esquema a seguir apresentado refere-se a crianças cuja língua materna é uma que faz uso do alfabeto latino, e por conseguinte não é aplicável a todas as crianças do mundo. No entanto, como este relatório pretende debruçar-se sobre o ensino de chinês a estudantes portugueses, o esquema é adequável. É necessário também ter a noção de que nem todas as crianças se desenvolvem da mesma forma, e portanto podem não seguir o seguinte esquema<sup>10</sup> à letra.

### **6 meses**

- Vocalização com entoação
- Responde ao seu nome
- Responde a vozes humanas mesmo sem estímulos visuais
- Responde adequadamente a tons amigáveis ou zangados

### **12 meses**

- Capaz de usar uma ou mais palavras com significado (pode ser apenas um fragmento de uma palavra )
- Compreende instruções simples, especialmente se acompanhadas de gestos
- Capaz de inflexão
- Está ciente do valor social do discurso

### **18 meses**

- Tem um vocabulário de cerca de 5-20 palavras
- Vocabulário composto principalmente por substantivos
- Ecolalia (repetição constante de uma palavra ou frase)
- É capaz de seguir instruções simples

---

<sup>10</sup> Esquema elaborado pelo Child Development Institute.

## **24 meses**

- Consegue identificar verbalmente objectos comuns
- É capaz de utilizar pelo menos duas preposições
- Capaz de formar frases curtas, geralmente combinações de substantivos e verbos
- Aproximadamente 2/3 do seu discurso é inteligível
- Tem um vocabulário de cerca de 150-300 palavras
- Ritmo e fluência por vezes irregular
- Fraco controlo sobre o volume e tom de voz
- Consegue usar dois pronomes pessoais correctamente, embora “me” e “eu” são muitas vezes são confundidos
- Responde a comandos como "mostra-me os teus olhos (etc.)"

## **36 meses**

- Usa os pronomes “eu” e “me” correctamente
- É capaz de usar o plural de algumas palavras e conjugar verbos no passado
- Conhece pelo menos três preposições
- Sabes as principais partes do corpo e consegue indicá-las, senão mesmo nomeá-las
- Domina frases de três palavras
- Conhece aproximadamente 900-1000 palavras
- Cerca de 90% do seu discurso é inteligível
- Começa a usar verbos mais frequentemente
- Entende a maioria das questões simples sobre o seu meio e actividades
- Consegue relatar as suas experiências
- Capaz de raciocinar perguntas como "o que se deve fazer quando se está com sono, fome, frio ou sede?"
- Consegue dizer o seu sexo, idade e nome

## **48 meses**

- Conhece o nome de animais que lhe são familiares
- Consegue usar pelo menos quatro preposições ou demonstrar compreensão do seu significado quando recebe instruções

- Consegue nomear objectos comuns em livros de imagens e revistas
- Conhece uma ou mais cores
- Consegue repetir 4 dígitos quando lhe são ditos lentamente
- Geralmente é capaz de repetir palavras de quatro sílabas
- Consegue distinguir “sobre” e “sob”
- A maioria das vogais e ditongos assim como as consoantes p, b, m, n estão bem estabelecidas
- Entrega-se a jogos de faz-de-conta
- Consegue elaborar relatos relativamente extensos das suas actividades
- Entende conceitos como maior, mais longo, etc.
- Prontamente segue comandos simples mesmo que os objectos de estímulo não estejam à vista
- Muita repetição de palavras, frases, sílabas, e até sons

### **60 meses**

- Capaz de usar bastantes palavras espontaneamente, tanto adjectivos como advérbios
- Conhece diferentes palavras e os seus antónimos: muito-pouco, duro-macio, pesado-leve, etc.
- Consegue contar até dez
- Todo o seu discurso deve ser inteligível, ainda que possam ocasionalmente ocorrer erros de articulação
- Conhece todas as vogais e consoantes
- É capaz de repetir frases com cerca de nove palavras
- Consegue nomear objectos comuns e os seus usos
- É capaz de seguir até três instruções seguidas sem interrupções
- Tem conceitos básicos sobre o tempo: manhã, tarde, noite, dia, depois, antes, etc.
- É capaz de construir frases bastante longas e moderadamente complexas
- O seu discurso deve estar, no geral, gramaticalmente correcto



### **6 anos**

- .O seu discurso deve ser completamente inteligível e socialmente útil
- É capaz de contar uma história coesa a partir de uma imagem, fazendo associações entre objectos e acontecimentos

### **7 anos**

- Domina todas as consoantes, assim como “ch”
- É capaz de entender opostos tais como: homem-mulher, doce-azedo, etc.
- Compreende termos tais como: “igualmente”, “diferente”, “início”, “fim”, etc.
- É capaz de dizer as horas
- É capaz de ler e escrever frases simples

### **8 anos**

- É capaz de relacionar acontecimentos diferentes que tenham acontecido ao mesmo tempo no passado
- Tem facilidade em construir frases complexas
- Poucos erros gramaticais no uso das conjugações verbais e nos plurais, assim como no uso de pronomes
- Domina todos os sons do discurso, incluindo combinações de consoantes
- Lê com facilidade e é capaz de escrever pequenas composições
- Adequa o seu discurso à situação social
- Conseguir controlar bem a velocidade, tom e volume da voz
- Conseguir conversar com facilidade com adultos
- Segue orientações bastante complexas sem necessitar de repetição
- Tem bem desenvolvido a noção de tempo e conceitos de números

De acordo com esta lista, podemos concluir que aos 7-8 anos, a criança tem já um certo domínio sobre a sua língua materna, ainda que esse domínio seja apenas oral, isto é, a escrita encontra-se ainda num nível básico. Os conceitos básicos de tempo assim como a gramática estão também bem estabelecidos por esta altura. Por esta razão,

muitos linguistas<sup>11</sup> sugerem que o bilinguismo (que será explicado mais à frente) só é possível ocorrer se a criança for constantemente exposta a duas línguas antes destas idades pois mais tarde nunca será capaz de atingir o nível de um falante nativo, ainda que chegue perto. Crê-se por isso que o estudo das línguas estrangeiras deve começar o mais cedo possível, ainda que o objectivo não seja tornar a criança bilingue, mas apenas fluente na segunda língua. As vantagens de começar cedo são portanto as mesmas que indivíduos bilingues apresentam, e os estudos desenvolvidos na área do bilinguismo podem ajudar-nos a compreender o porquê de estudar línguas estrangeiras na infância.

### **3.3.Vantagens do bilinguismo**

A forma mais comum de um indivíduo adquirir naturalmente duas línguas e dominá-las com igual destreza (e portanto tornar-se bilingue), ocorre quando mais do que uma língua é falada diariamente no seu núcleo familiar, principalmente durante os seus primeiros anos de vida. No entanto, casais monolingues podem facilmente encontrar formas de introduzir uma segunda língua no dia-a-dia dos filhos, e muitos procuram fazê-lo, cientes das vantagens do bilinguismo. E quais são essas vantagens?

Acredita-se que o cérebro de indivíduos bilingues esteja melhor adaptado para certos tipos de tarefas, devido à sua capacidade de “desligar” uma língua e trocar para outra quando necessário, sem grande esforço. Pensa-se que esta capacidade ajuda os bilingues a abstrair-se de distrações, ajudando-os a focar-se melhor na tarefa que têm em mãos. Certos estudos demonstram também que indivíduos bilingues conseguem adiar os sintomas de Alzheimer até 5 anos, em comparação com indivíduos monolingues<sup>12</sup>. Para além destes benefícios, crê-se igualmente que o bilinguismo tem um efeito aditivo sobre a criatividade de um indivíduo, reforçando a sua flexibilidade mental, a sua capacidade de resolver problemas e de perceber as situações de maneiras diferentes, e a capacidade de manter ou manipular essas percepções para se adequar às tarefas, tudo capacidades que os seus parceiros monolingues não apresentam<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Como o professor Kenneth Hyltenstam, linguista da Universidade de Estocolmo

<sup>12</sup> BIALYSTOK, E.; CRAIK, F. I.; FREEDMAN, M; 2007

<sup>13</sup> IANCO-WORALL, A. D.; 1972

O Professor Vivian James Cook, linguista inglês famoso pelo seu trabalho na área da aquisição de uma segunda língua, assim como a sua equipa, explorou no seu estudo do bilinguismo<sup>14</sup>, o facto de que os falantes nativos de japonês tendem a categorizar os objectos pelo material de que são feitos em vez de categorizá-los pelo seu formato, como é mais comum aos falantes nativos de inglês.

Estudos como os acima mencionados implicam que cada língua tem a capacidade de moldar a percepção do indivíduo do mundo, e que no caso dos bilingues, a sua percepção pode mudar de acordo com a língua que estão a usar. Isto sugere uma capacidade superior dos bilingues de processar o mundo à sua volta que os monolingues não possuem.

### **3.4.Vantagens de começar o estudo da língua estrangeira na infância**

Além das vantagens descritas acima, que podem ser aplicadas também a indivíduos não considerados bilingues, mas que tenham iniciado o estudo de línguas muito cedo na sua vida, a aprendizagem feita na infância apresenta mais benefícios do que a aprendizagem na idade adulta.

Em primeiro lugar, está a pronúncia. Indivíduos que tenham aprendido uma língua estrangeira em criança têm menos probabilidade de desenvolver um “sotaque de estrangeiro”, pois com a idade torna-se mais difícil aprender os sons exclusivos de certas línguas<sup>15</sup>. Assim, começando cedo, há uma maior possibilidade de desenvolver uma pronúncia igual à de um falante nativo.

Em segundo lugar, está a quantidade de horas necessárias para aprender uma certa língua. Em geral, os adultos tendem a ter dificuldade em encontrar tempo suficiente para dedicar ao estudo de uma língua estrangeira, mas começando na infância, essas horas podem ser distribuídas ao longo de vários anos (ou até uma vida), tornando a aprendizagem mais eficaz e melhor consolidada.

Não é de menosprezar também o facto de que as crianças não têm medo nem vergonha de se entregarem a uma nova tarefa, independentemente de serem hábeis ou

---

<sup>14</sup> COOK, V.; BASSETTI B.; KASAI C.; SASAKI M.; TAKAHASHI, J.; 2006

<sup>15</sup> GARCIA-SIERRA, A.; 2011

não. As crianças tendem a ser menos auto conscientes, e por isso não se sentem tão inseguras quando erram, nem tão inibidas de voltar a tentar. Para além desta confiança, as crianças dedicam-se mais ao estudo se as tarefas que lhes são dadas forem consideradas “divertidas”, seja qual for o objectivo final. Este prazer que têm em aprender pode ser difícil de encontrar em adultos, que tendem a considerar o estudo como um “trabalho”, ainda que tenham escolhido estudar da sua própria vontade.

Por último, não podemos descurar o apoio e motivação, pontos importantes da aprendizagem de qualquer disciplina. A motivação para aprender novas coisas nas crianças não só é maior, como estas podem contar também com a ajuda dos pais e professores que interagem com elas e expõem-nas constantemente à nova língua. Este tipo de apoio não está tão presente na idade adulta, onde é esperado que os indivíduos encontrem a motivação para o estudo por eles próprios.

### **3.5.Estratégias de Ensino de Chinês a Crianças**

Sendo o português e o chinês duas línguas completamente diferentes, o ensino de uma aos nativos da outra não é possível sem encontrar algumas dificuldades, especialmente quando os estudantes são extremamente jovens e têm ainda uma certa dificuldade em pensar abstractamente ou aceitar realidades diferentes da sua. A estrutura frásica por exemplo, é um dos maiores obstáculos a ultrapassar, já que em Chinês é possível fazer frases sem um verbo, e em Português este tipo de frases são uma ocorrência rara. No topo da lista de dificuldades do ensino de chinês estão principalmente dois pontos: os caracteres chineses, e os tons.

#### **3.5.1. Os Caracteres Chineses**

A escrita chinesa é uma escrita não fonética e baseada nos sinogramas, ou seja, nos caracteres chineses. Cada caracter pode representa uma sílaba que pode ser uma palavra por si só ou parte de uma palavra polissilábica, e é geralmente composta por partes que representam objectos reais, conceitos abstractos ou apenas indicadores de como pronunciar o caracter.

Aprender os caracteres chineses implica também aprender a sua representação gráfica, o seu significado e a pronúncia, que inclui a transcrição em *pīnyīn* juntamente com o tom correcto. Para além destes aspectos, os caracteres chineses têm ainda regras de escrita. Cada carácter é um conjunto de traços, existindo 28 tipos de traços no total, que requerem uma ordem específica quando são escritos. Dada a sua complexidade, as principais preocupações aquando o ensino dos caracteres a jovens são: em que quantidade e quando introduzir os caracteres.

Quando ensinados a crianças, um único carácter pode necessitar uma aula inteira até que seja devidamente aprendido e memorizado pela turma na íntegra. Por esta razão, a quantidade de caracteres introduzidos a crianças do ensino básico tem de ser pouca, não excedendo os 5 ou 6 caracteres por aula. É importante que os alunos sintam que estão a aprender, sem no entanto se sentirem frustrados com caracteres demasiado complexos, ou demasiado numerosos. O stress causado pela sensação de não estar a progredir na aprendizagem pode desmotivar o aluno, e levá-lo a desistir dos estudos. A Professora Jun Tian da Universidade de Victoria, nos seus estudos sobre a aprendizagem do chinês como segunda língua, descobriu que “45% dos estudantes de chinês como língua estrangeira desistem de aprender devida à dificuldade em aprender os caracteres”.<sup>16</sup> Este fenómeno é corroborado quando observamos o número de alunos inscritos em cursos ou aulas de chinês: as turmas de iniciação são sempre constituídas por um grande número de alunos, mas à medida que avançamos para níveis mais elevados, as desistências aumentam e o número de alunos diminui.

O momento adequado para a inserção dos caracteres no ensino de chinês é um tema muito debatido.<sup>17</sup> Alguns professores defendem que antes de iniciar o estudo dos caracteres, é preciso que o aluno tenha já um certo domínio sob a oralidade, que lhe permitirá ler fluentemente e ser capaz de entender as estruturas fráscas. Para suportar a sua teoria, apontam o processo pelo qual os falantes de chinês nativos aprendem caracteres, isto é, pela altura que começam a aprender a escrita, já conseguem comunicar eficazmente. Outros, defendem que inserir os caracteres mais tarde cria um processo desnecessário de junção da fonética com o carácter. Em suma, se introduzidos

---

<sup>16</sup> TIAN, J.; 2009

<sup>17</sup> Este tema foi discutido em dois eventos profissionais. O primeiro foi no fórum “*Chinese Language Teachers Association of Greater New York*”. O fórum chamou-se “*Shall we delay teaching characters*” e ocorreu a Novembro de 2003 (ver Bibliografia, link nº4 para o link de acesso). O segundo ocorreu na *International and Interdisciplinary Conference* de 2005 na Universidade de Mainz na Alemanha.

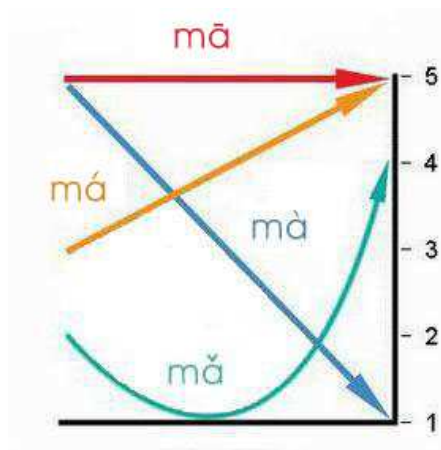
ao mesmo tempo, o aluno imediatamente associaria o caracter com o seu som e significado, e introduzi-los separadamente apenas complica a memorização. Contrariamente ao que é esperado no entanto, os debates e os estudos levados a cabo tendem a focar-se mais nos resultados provenientes de alunos que não aprenderam caracteres imediatamente, embora por norma, os planos de estudo tendem a introduzi-los desde a primeira lição. Isto talvez se deva a uma tradição cultural de valorizar a escrita no ensino acima da oralidade, e a consequente curiosidade em observar os efeitos de uma subversão desta tradição.

Independentemente dos resultados destes estudos no entanto, creio que quando se trata de ensinar chinês a crianças, os caracteres têm de ser introduzidos desde o início. O uso exclusivo do *pīnyīn* pode tornar os alunos demasiado dependentes deste, chegando mesmo a desmotivar a aprendizagem dos caracteres, uma vez que os alunos “não entendem para que são necessários, já que os próprios chineses usam *pīnyīn*”. Da mesma forma, certos alunos tendem também a ter o conceito errado de que cada caracter corresponde a uma sílaba e que desempenha apenas um papel fonético, isento de qualquer significado. Acredito portanto, ser importante a introdução dos caracteres o mais cedo possível.

### **3.5.2. Os Tons do Mandarim**

Uma das noções mais importantes a introduzir no ensino de mandarim é o conceito dos tons, tão diferente e estrangeiro que é para os falantes de português. Os tons do mandarim são usados para diferenciar sílabas com o mesmo som (já que a língua chinesa contém inúmeros destes casos) elucidando o significado da palavra. O uso do tom incorrecto pode mudar completamente o sentido de uma palavra ou frase, e por isso é necessário dar a devida ênfase ao estudo dos tons.

O mandarim possui 4 tons, havendo ainda o tom neutro, isto é, ausência de tom. Cada tom tem uma acentuação diferente, como podemos ver no seguinte esquema:



**Fig. 8** Os quatro tons do mandarim. “Ma” é apenas um exemplo de uma sílaba.

Sendo impossível falar chinês sem conhecimento dos tons, não existe qualquer desacordo entre académicos de que estes devem ser introduzidos desde o primeiro momento em que a língua chinesa é ensinada. A questão está então, em como podemos introduzi-los eficazmente.

Uma vantagem que as crianças apresentam em relação aos adultos, é curiosamente, a sua tendência a ignorar os detalhes e focar-se apenas no plano geral. Quando se trata de aprender os tons, muitos adultos esforçam-se por pronunciar o tom de cada sílaba correctamente, resultando num discurso “robótico”. As crianças no entanto, tentam reproduzir a palavra ou frase inteira da mesma forma que a ouviram a ser pronunciada, resultando numa pronúncia mais natural. Por esta razão, alguns professores defendem que a introdução dos tons deveria ser feita com uma abordagem diferente da tradicional, isto é, inserindo primeiro frases completas, deixando os alunos aprender a fluência do discurso chinês, e só depois focar-se em cada palavra e cada sílaba.

É indispensável no entanto, qualquer que seja a abordagem feita, que os alunos entendam os quatro tons (juntamente com o tom neutro) do mandarim, e as diferenças entre eles. Uma das técnicas mais usadas no ensino de tons, são os gestos. Enquanto o professor pronuncia uma palavra, gesticula com o braço, descrevendo uma linha igual às representadas no esquema acima, para que essa palavra fique associada com o gesto e o respectivo tom.

### **3.6.Resultados**

Com base nestes estudos, assim como na minha própria experiência, após ter trabalhado com alunos dos sete aos dezoito anos de idade, creio que a melhor idade para iniciar o estudo da língua chinesa será por volta dos dez anos de idade, isto é, quando a criança terminou já o ensino básico. Esta seria, na minha opinião a melhor altura, pois antes desta fase, a criança apresenta várias características que podem criar dificuldades à aprendizagem de uma língua tão diferente da sua como é a língua chinesa. Estas dificuldades são:

- reduzida capacidade de concentração
- fraca capacidade de abstracção
- limitada capacidade de memória por falta das estratégias mnemónicas
- dificuldade em entender diferentes estruturas linguísticas

Embora o ensino de outras línguas estrangeiras, como por exemplo o inglês, tende a começar mais cedo, na primeira classe, creio que por esta altura a criança não se encontra ainda na posse de conhecimentos e conceitos suficientes para entender a natureza de uma língua que não só não faz uso de um alfabeto na sua forma escrita, usando em vez disso caracteres, como tem estruturas e regras gramaticais radicalmente diferentes assim como um sistema de tons necessário à sua forma falada que não se encontra em nenhuma língua europeia.

Embora num capítulo anterior tenha referido que, para que uma criança adquira a fluência numa língua de um nível igual ao de um nativo, os estudos devem iniciar antes dos oito anos de idade, esta noção parte do princípio que o estudo será diário e contará com o apoio dos pais. Numa situação de curso livre ou actividade extracurricular, que é a mais comum ao ensino de chinês em Portugal de momento, o ensino da língua chinesa nunca gozará destes privilégios, estando limitado a poucas horas por semana e tendo o professor como o único apoio. Por esta razão, acredito ser mais benéfico iniciar os estudos da língua chinesa mais tarde, quando a criança tem já uma certa autonomia.



## **Conclusão**

Nos dias de hoje, a língua chinesa é encarada como uma mais-valia no mercado de trabalho, levando todo o tipo de profissionais e curiosos a inscreverem-se em cursos de mandarim. Apesar de tudo no entanto, o ensino de mandarim está ainda pouco disseminado pelo país, sendo praticamente limitados a cursos livres e actividades extracurriculares. Num futuro próximo no entanto, o mandarim poderá tornar-se uma disciplina curricular, e portanto é necessário saber aplicar os conhecimentos e estudos sobre o ensino de línguas estrangeiras, ao ensino do mandarim.

Da minha experiência retirada do estágio, posso afirmar que os alunos, independentemente da sua idade, não têm receio de enfrentar as dificuldades que estudar uma língua completamente diferente da sua implica. Não só se mostram interessados na própria língua, como se sentem curiosos sobre a cultura chinesa, conferindo às aulas de mandarim, e ao ensino desta língua, uma dimensão única. O percurso do professor de chinês faz deste um aluno novamente, exigindo-lhe uma constante actualização dos seus conhecimentos e técnicas.

O desafio de ensinar mandarim a crianças que acabaram de aprender a escrever a sua própria língua materna foi uma experiência que exigiu criatividade da minha parte, assim como alguma adaptação dos conhecimentos obtidos durante a minha formação. Despertou uma curiosidade sobre os processos de aprendizagem ao longo da idade de um indivíduo que me levou a aprofundar aquilo que sabia sobre o ensino e aprendizagem de línguas, assim como identificar melhor as dificuldades dos meus alunos, e de como as resolver.

O mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês – Tradução, Formação e Comunicação Empresarial juntamente com o estágio profissional atribuído como parte deste mestrado foram enriquecedores, dando-me acesso a uma base de conhecimentos assim como proporcionando experiências de valor incomparável para o meu futuro profissional.

## **Bibliografia**

1. PALACIOS, Ignacio M.; ALONSO, M<sup>a</sup> Rosa; LÓPEZ, Paula; VARELA, José Ramón - *Diccionario de enseñanza y aprendizaje de lenguas*, Enclave-Ele, 2007
2. REBELO, Maria Manuela Maia de Oliveira e – *Trabalhos Académicos - Subsídios para a sua Apresentação e Elaboração*, Centro de Cópias – António Silva Lemos, Porto, 1994
3. ESTRELA, Edite; SOARES, Maria Almira; LEITÃO, Maria José – *Saber Escrever Uma Tese e Outros Textos*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2006
4. CHOMSKY, Noam – *Reflexões sobre a Linguagem*, Edições 70, Lisboa, 1957
5. MARQUES, Ramiro – *Saber Educar - Guia do Professor*, Editorial Presença, Lisboa, 2001
6. VIEIRA, Helena – *A Comunicação na Sala de Aula*, Editorial Presença, Lisboa, 2000
7. CHALVIN, Marie Joseph – *Enseignement et Analyse Transactionnelle*, Éditions Nathan, 1994
8. DURKHEIM, Émile – *Educação e Sociologia*, Edições 70, 2001
9. BIALYSTOK, E.; CRAIK, F. I.; FREEDMAN, M – *Bilingualism as a protection against the onset symptoms of dementia*; *Neuropsychologia*, 2007
10. IANCO-WORALL, A. D. – *Bilingualism and cognitive development*; 1972

11. COOK, V.; BASSETTI B.; KASAI C.; SASAKI M.; TAKAHASHI, J. – Do bilinguals have different concepts? The case of shape and material in Japanese L2 users of English International; *Journal of Bilingualism*; 2006
12. GARCIA-SIERRA, A. – Bilingual language learning: An ERP study relating early brain responses to speech, language input, and later word production; *Journal of Phonetics*; 2011
13. TIAN, J. – “An Optimality Theory Analysis of Diminutive Suffixation of Beijing Chinese”, *Working Papers in Linguistics*; University of Victoria; 2009

## **Webgrafia**

1. <http://www.sdkrashen.com>
2. <http://childdevelopmentinfo.com>
3. <http://blog.languagelizard.com>
4. <http://www.clta-gny.org/forum/delaycharacters.htm>
5. [http://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1021&context=alesl\\_di](http://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1021&context=alesl_di)  
[ss](#)
6. <http://ecap.crc.illinois.edu/pubs/katzsym/clark-b.html>

# Anexos



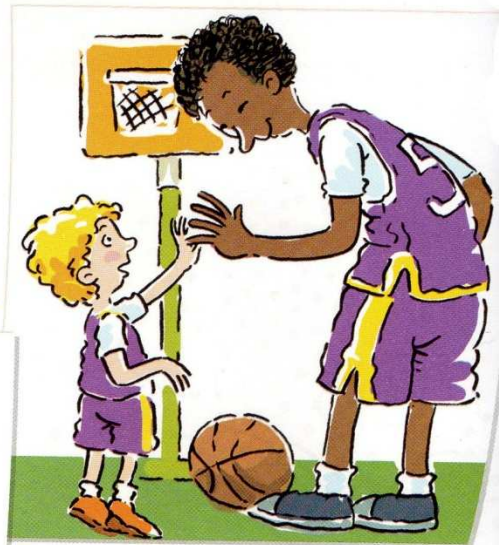
## Lição 6 他个子高



Tā tóufa cháng .  
她 头发 长。

Wǒ tóufa duǎn .  
我 头发 短。

Nǐ shǒu dà . Wǒ shǒu xiǎo .  
你 手 大。 我 手 小。



Tā gèzi gāo .  
他 个子 高。

Wǒ gèzi ǎi .  
我 个子 矮。



## Vocabulário:

Carater:	Leitura (pīnyīn):	Significado:
手	shǒu	mão, mãos
个子	gèzi	altura
高	gāo	alto
矮	ǎi	baixo
长	cháng	comprido
短	duǎn	curto
大	dà	grande
小	xiǎo	pequeno

## Frases:

Carater:	Leitura (pīnyīn):	Significado:
她个子高，我个子矮。	tā gèzi gāo, wǒ gèzi ǎi	Ela é alta, eu sou baixa.
他手小，你手大。	tā shǒu xiǎo, nǐ shǒu dà	As mãos dele são pequenas, as tuas são grandes.

